

# ESTRATÉGIAS PARA A ALIMENTAÇÃO NOS CARDÁPIOS E DESENHOS DE FAMÍLIAS ASSENTADAS

Henrique Carmona Duval<sup>1</sup>  
Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante<sup>2</sup>  
Sonia Maria P. P. Bergamasco<sup>3</sup>

**Resumos:** Este estudo é focado nos sistemas agrícolas de produção de alimentos e na alimentação cotidiana de famílias no assentamento rural Monte Alegre (Araraquara/SP). Faz uma ligação entre o desenho agrícola dos lotes e o prato de comida, por meio do cardápio típico dessas famílias. A metodologia empregada tem por base informações registradas em diários de campo, coleta de cardápios, desenhos e inventários da produção de alimentos nos lotes agrícolas. As produções de autoconsumo são constitutivas do modo de vida das famílias assentadas rurais. Dentre as estratégias de uso agrícola da terra, o autoconsumo denota a livre deliberação acerca do que produzir. Apesar desses aspectos, o autoconsumo ainda é envolto em invisibilidades que vão de sua desconsideração como parte da renda das famílias ao sinônimo de atraso social. Em razão disso, a discussão empreendida passa pelos seguintes aspectos: os alimentos aqui considerados são mais saudáveis e confiáveis quanto à procedência; favorecem a diversificação e as práticas de agricultura de base ecológica; há forte protagonismo das mulheres, o que atinge diretamente a dimensão econômica do lote; a satisfação cultural é tão importante quanto a satisfação nutricional, pois a alimentação é um dos aspectos que forma a identidade de um grupo social, relacionando-se com a soberania alimentar.

**Palavras-Chave:** Reforma Agrária, Autoconsumo, Alimentação Familiar.

## Introdução

Este artigo é produto de um ciclo de estudos sobre a relação assentamentos rurais e desenvolvimento, no qual a investigação sobre autoconsumo compõe um dos eixos temáticos. Temos investigado o papel da produção do autoconsumo nas estratégias das famílias assentadas na região de Araraquara/SP.

O estudo dos sistemas de produção dos próprios alimentos vem sendo realizado pelo viés da cultura e da mediação entre assentados e atores regionais externos ao assentamento. O principal objetivo é demonstrar o uso agrícola que as famílias fazem da terra, para dela tirar os alimentos para o próprio consumo, tendo por base seus gostos e preferências adquiridos cultural e historicamente em termos de alimentação. A partir daí, busca-se analisar o papel que a produção do autoconsumo tem nas estratégias de reprodução social e de desenvolvimento das famílias assentadas.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Sociais no IFCH/UNICAMP e Pesquisador do Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da UNIARA.

<sup>2</sup> Pesquisadora 1A CNPq, coordenadora do Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da UNIARA.

<sup>3</sup> Professora Titular, FEAGRI/UNICAMP.

O presente artigo é centrado mais numa dimensão etnográfica e traz dados de uma pesquisa de mestrado (DUVAL, 2009), sobre os modos de vida dos sujeitos que possuem perfil de agricultura familiar e produzem parte do que consomem no assentamento rural Monte Alegre, esclarecendo-se que esse não é o único perfil possível no assentamento, nem em outros núcleos da região de Araraquara, e que possibilidades de mudança nas condições de produção/reprodução social apresentam-se com frequência para as famílias assentadas.

### **Metodologia e técnicas de pesquisa utilizadas**

Três autores com estudos já clássicos em comunidades rurais formam a base metodológica da presente comunicação: Cândido (1979), Brandão (1981) e Garcia Jr. (1983). Para estes autores, realizar o estudo de um determinado agrupamento rural, pelos seus modos de vida e formas de reprodução econômica, implica caracterizar os processos históricos de constituição estrutural, marcados por leis e políticas macroeconômicas brasileiras, levando-se em conta as condições históricas (num plano regional) das relações de poder, de trabalho e da estrutura fundiária subjacente. Por outro lado, faz-se necessário um trabalho mais qualitativo e etnográfico de descrever os agrupamentos rurais enquanto processos sociais e suas especificidades, para analisar os meios pelos quais conseguem a subsistência e as transformações enfrentadas por essas populações tidas como “pobres rurais” frente ao processo de modernização social (e agrícola). O presente artigo é focado mais nesse segundo aspecto da pesquisa em comunidades agrícolas, a dimensão etnográfica<sup>4</sup>.

Para Ferrante (1994), as pesquisas em assentamentos rurais devem levar em conta a (re)construção de novos modos de vida. Isto implica, de uma perspectiva histórica, em caracterizar as famílias assentadas em suas origens (principalmente, aspectos culturais) e lutas sociais que as levaram ao assentamento. Empiricamente, um olhar atento também sobre o cotidiano e sobre todos os aspectos que envolvem a vida familiar no assentamento, o que leva, conforme já observamos, à constituição de um caleidoscópio de situações particulares dentre as famílias.

Assim, tomamos como referência, no presente estudo, os modos de vida daquelas famílias que produzem parte do que consomem, tendo em vista que esse não é o único traço possível de suas trajetórias a partir do assentamento, nem que essa

---

<sup>4</sup> Os aspectos históricos de constituição dos assentamentos na região de Araraquara foram tratados na dissertação de mestrado (DUVAL, 2009).

situação não possa mudar a cada momento. Com isso, percebe-se que mesmo com origens e trajetórias sociais semelhantes e dependência de assalariamento externo, cada núcleo de assentamento tem um desempenho produtivo conforme suas próprias especificidades, mesmo porque foram criados em diferentes momentos, mas refletem as singularidades dos sujeitos (ou famílias) ali inseridos. No entanto, entende-se que este perfil escolhido é predominante, já que esta é uma exigência do processo de seleção das famílias assentadas quando de seu cadastramento no Programa de Reforma Agrária<sup>5</sup>.

Segundo Whitaker e Fiamengue (2000), mosaicos são formados na paisagem com o advento dos assentamentos rurais, o que implica a heterogeneidade do espaço. A dinâmica de mudanças das estratégias familiares não altera esta característica, da formação dos mosaicos na paisagem, uma vez que a fazenda constituída enquanto assentamento continua dividida entre as famílias ali assentadas. A construção desse espaço heterogêneo, segundo as autoras, se dá em até cinco escalas. Isso em muito se deve à rica diversidade cultural das famílias e ao resgate da tradição de produzir seu próprio alimento (autoconsumo), relacionando-se posteriormente com o aumento da diversidade agrícola nos lotes.

O que procuramos demonstrar a seguir são essas cinco escalas de diversificação agrícola, mencionadas pelas autoras supracitadas e observáveis dos assentamentos para dentro. Elas estão em relação: 1) ao contraste que os assentamentos fazem com a estrutura fundiária do entorno; 2) às especificidades de cada lote; 3) aos diferentes sistemas produtivos no interior de cada lote; 4) à diversificação em cada sistema (explícita, por exemplo, em práticas como consorciamentos de milho, feijão e abóbora, hortas e pomares diversificados); e 5) à diversificação da base genética de cada cultivo e mesmo das criações animais. Uma hipótese do presente estudo é que produzir o próprio alimento da família é a base da diversificação agrícola. Esta diversificação, por sua vez, traz benefícios ambientais, sobretudo quanto ao aumento da complexidade do sistema ecológico de espaços que, antes de serem assentamentos, eram monoculturas.

Para adentrar em cada uma dessas escalas de diversificação, foram usadas diferentes técnicas de pesquisa. Sob o ângulo das imagens de satélite aparece uma primeira escala de diversificação dos assentamentos em relação ao seu entorno espacial, pois eles formam mosaicos numa área homogeneizada pelo plantio de cana. Percebe-se

---

<sup>5</sup> Por exemplo, a família deve possuir antecedentes e trajetória em atividades agrícolas, projetos de atividades agrícolas específicas no assentamento, nos quais prevê a predominância de utilização de mão-de-obra familiar, dentre outros fatores.

pela figura a seguir que, se por fora da área do assentamento a paisagem é homogeneizada, em seu interior existem mosaicos formados pelos lotes.

**Figura 1** – Imagem do assentamento Monte Alegre.



Fonte: Google, 2012.

A influência dos sistemas de poder atribuída a esse modo concentrador da produção, que predomina no entorno, é algo que não nos foge à análise, mesmo porque é a principal das influências na construção do território no interior do assentamento. Porém, tanto o poder local representado pelas administrações municipais, como as esferas estadual e federal de poder político e os padrões de organização econômica regional são fatores igualmente presentes nessa construção. As famílias assentadas recebem forte influência econômica dos complexos agroindustriais canavieiros que as envolvem, de forma que a dependência dos trabalhadores com relação às usinas perpassa a relação de trabalho que eles e seus familiares têm ou tiveram (historicamente) com elas. Existem nessa região municípios inteiros completamente dependentes do funcionamento das usinas no que se refere à geração de emprego e

renda à população<sup>6</sup>. Mesmo os assentados que não trabalham em usinas, que lutam por autonomia em seus lotes, podem sofrer a influência econômica delas e ter dificuldades na convivência social no assentamento<sup>7</sup>.

### **A Dinamização Referenciada em Mapas e Desenhos**

Já um mapa sobre fotografia aérea, da microbacia na qual o assentamento está inserido, mostra melhor a diversificação numa segunda escala, que é a heterogeneidade existente na construção interior do assentamento (a diversidade de cada lote). Desta escala podemos afirmar que, em se tratando de um assentamento rural, cada lote agrícola comporta uma realidade. Como costuma dizer um dos assentados, informante desta pesquisa, a cada porteira existe uma realidade. Isso em muito se deve às origens e trajetórias muito específicas de cada família até a chegada ao assentamento, apesar do intenso fluxo migratório campo-cidade-campo, ao qual já nos referimos, comum à maioria. Por mais que as condições ecológicas, tanto quanto dos mercados de produtos agropecuários nos municípios do entorno sejam muito semelhantes para todas as famílias desse assentamento, sempre encontramos particularidades. Elas podem se referir a fatores que vão do número de braços da família às estratégias de produção adotadas e ao modo como cada membro da família emprega sua força de trabalho dentro e fora do assentamento.

**Figura 2** – Microbacia do córrego Monte Alegre<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Cidades-dormitório expressam bem essa idéia, mas os municípios maiores, como Araraquara, também giram grande parte de suas economias em torno das usinas de cana-de-açúcar.

<sup>7</sup> Cerca de 80% dos assentados do Monte Alegre haviam assinado, em 2008, contrato de fornecimento de cana-de-açúcar com usinas da região, destinando para esse fim até 50% de seus lotes, o que dividiu os assentados entre os prós e os contra a parceria para plantio de cana. No assentamento Bela Vista do Chibarro, também em Araraquara, houve 11 reintegrações de lotes também no ano de 2008, dentre os motivos, o principal foi o plantio irregular de cana na forma de arrendamento. Sobre esse processo tenho e controverso, ver Ferrante e Barone, 2011.

<sup>8</sup> Mapa dos lotes dos núcleos III e VI do assentamento, que estão no município de Araraquara. Mapa sobre fotografia aérea, feito pelo Engenheiro Agrônomo Pablo Carreira Torres.

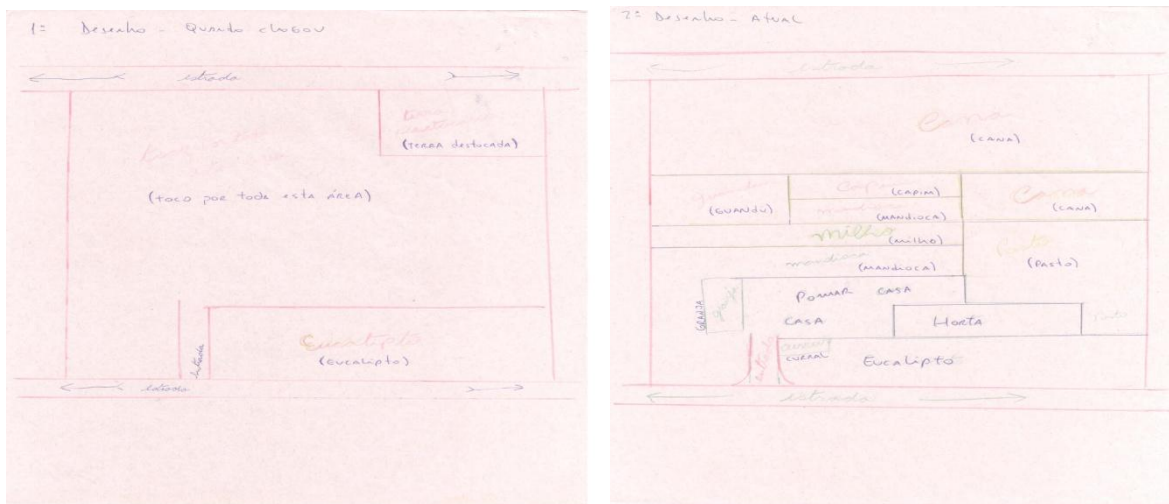


**Fonte:** Costa, 2006.

Nos desenhos a seguir, feitos por um assentado de seu lote em dois momentos diferentes, existe um claro exemplo do efeito da política de reforma agrária nesse espaço do lote. Ao estabelecer-se produtivamente, o território passou a servir a diversas funções: local de moradia, culturas diversas comerciais e para o autoconsumo, imprimindo, pois, a terceira escala de diversificação: a existência de vários sistemas num mesmo lote familiar, conforme desenhos a seguir.

**Figura 3.** Desenho de quando chegou ao lote.

**Figura 4.** Desenho atual do lote.



**Fonte:** Duval, 2009.

Comparando-se os dois desenhos, vê-se que a diversificação faz parte da lógica das famílias assentadas e impõem a terceira escala de diversificação ao território. As estratégias adotadas por essa família se complementam na busca pela sua reprodução social e econômica. Nesse lote há presença de cultivos que podem ser prioritariamente comerciais (como o milho, a mandioca, o feijão guandú e o gado leiteiro), outros advindos de parcerias com agroindustriais (como a cana e a granja), como também há cultivos mais para o autoconsumo.

Tirando a cana agroindustrial, que se insere exclusivamente na cadeia produtiva de álcool e açúcar, todos os outros cultivos podem ser revertidos ao autoconsumo da família ou comercializados. A cana agroindustrial não, porque se a família fizer um caldo de cana, usará outra variedade plantada mais apropriada para isso. Percebe-se, pelo desenho do assentado, que ele distingue a cana de usina (na parte de cima do lote, ocupando quase a terça parte dele) da cana plantada para as criações, que é aquela pequena quadra logo acima do pasto. Essa, sim, uma cana mais apropriada para a garapa. O lote acima representado é um exemplo possível de convivência entre cultivos agroindustriais e outros que podem ser para comercialização ou consumo direto.

Nos alimentos que as famílias produzem para seu próprio consumo, principalmente nos espaços de horta e pomar, concentram-se formas de manejo que seguem princípios agroecológicos ou um tipo de agricultura mais caseira, cujas práticas pressupõem uso e reciclagem dos recursos do próprio lote. Mas o aproveitamento de materiais como esterco, folhas, palhas, cascas e outros restos vegetais não se restringe a esses espaços de horta e pomar, já que todos os sistemas do lote estão integrados – a

cama de frango da granja industrial, por exemplo, é espalhada por todo o lote, principalmente na cana agroindustrial, como também, a matéria orgânica proveniente do curral e das árvores.

Os sistemas agroindustriais são diferentes, na medida em que existe a imposição de todo um pacote agrícola para satisfazer a necessidade da agroindústria com relação à matéria-prima exigida. No lote representado no desenho acima, os frangos destinados à agroindústria são alimentados apenas com a ração fornecida pela empresa, são confinados em barracões com controle de temperatura e o assentado que implantar esse sistema fica proibido de possuir outras raças caipiras de aves em seu lote, pelo perigo de “contaminação” dos frangos industriais.

Já a cana agroindustrial acaba por gerar problemas ambientais e sociais no assentamento. Exige-se do assentado um pacote que vai do maquinário, do calcário, dos herbicidas, mata-matos e outros agrotóxicos à mão-de-obra e ao transporte, que são todos contratados junto aos usineiros, na maioria dos casos, além de outros investimentos que os assentados devem fazer individualmente. Há relatos de que funcionários da usina estavam fazendo serviços mal feitos em certos lotes, calculando errado a produtividade na hora da pesagem da cana e na medida da sacarose. Existem as queimadas e os despejos de insumos químicos por avião (este, nas fazendas do entorno) que prejudicam outros cultivos e criações em lotes do assentamento<sup>9</sup>. Além disso, os assentados afirmam que as parcerias agroindustriais da cana contribuem para fragmentar a sociabilidade no assentamento, porque existem uns contra e outros a favor delas, gerando disputas, acomodações e a perspectiva a deixar a prática da agricultura familiar.

Porém, não foi identificada, ainda, dentre as famílias investigadas, uma diminuição significativa da produção para o autoconsumo em benefício do aumento de cultivos agroindustriais – mesmo porque a portaria 077/2004, da Fundação Itesp, que regulamente as chamadas “parcerias”, estabelece um limite de até 50% de cada lote para essa finalidade. Afirmam alguns assentados que o dinheiro ganho com a cana ajuda a financiar a produção diversificada em outras partes do lote agrícola. Famílias assentadas

---

<sup>9</sup> O assentado relatou que funcionários da usina fizeram testes com um pré-emergente (insumo químico que inibe a germinação de plantas espontâneas) nos lotes do assentamento e que, após a aplicação, não era para ninguém da família ir ao canavial, nem era para deixar animais irem até lá. Depois de uma semana teve uma vaca no seu lote que abortou e ele disse que a vaca não chegou nem perto do canavial. Ele acredita que a contaminação se deu através do vento.



com outros perfis podem estar tendo outras experiências<sup>10</sup>. Observamos acontecer o abandono ou a diminuição à agricultura familiar e à diversificação, por exemplo, quando mora no lote apenas o casal de idosos, que passa a diminuir sua jornada de trabalho na roça e prefere cultivos que dão menos trabalho (como a cana agroindustrial, passível de completa terceirização ou arrendamento), para com o dinheiro ganho comprar a maior parte dos alimentos<sup>11</sup>.

### **Inventários de Lotes: o Resgate do Diverso**

A quarta escala de diversificação refere-se aos cultivos no interior de cada sistema agrícola do lote e é diretamente ligada à presença de cultivos para o autoconsumo familiar. Confere-se essa escala em inventários de lotes, nos quais constam todos os cultivos dos quais se faz uso alimentar, sem importar sua escala produtiva. O resultado é uma exaustiva relação que dá conta da diversificação que existe dentro de cada lote individualmente, a partir da qual podemos observar a grande oferta de alimentos que as famílias obtêm a partir do desenho agrícola do lote.

#### **Quadro 1 – Inventário de lotes<sup>12</sup>.**

<p><b>Lote 1 - Cultivos energéticos:</b> milho, mandioca, batata, batata doce e inhame. <b>Cultivos proteicos:</b> feijão (carioquinha, favinha, guandu, branco e bico de ouro), criação de galinha e pato (ovos) e de gado leiteiro (queijo, manteiga e requeijão). <b>Cultivos fontes de vitaminas e sais minerais (incluindo temperos e medicinais):</b> jaca, goiaba (vermelha e branca), amora, manga (bourbon, espada, haiden e roxa), pitanga, jabuticaba, acerola, banana (nanica, ouro, prata), abacate, uva, morango, alface (roxa, crespinha e lisa), rúcula, mostarda, espinafre, cebola, tomate, almeirão, cenoura, abóbora, abobrinha, chuchu, couve, catalônia, chicória, salsa, cebolinha, coentro, poejo, hortelã, arruda, erva-doce, erva de santa maria, quina, losna e urucum. Capins e pastos para as criações de gado.</p>
--

<p><b>Lote 2 - Cultivos energéticos:</b> mandioca, milho, batata, batata doce; <b>cultivos proteicos:</b> feijão (guandú e catador), criação de frango (agroindustrial), de gado leiteiro e porco; <b>cultivos fontes de vitaminas e sais minerais (incluindo temperos e medicinais):</b> manga (aden, palmer, coquinho, rosa e espada), laranja (pêra, lima e lima da pérsia), acerola, pitanga, castanha do pará, macadâmia, jaca, limão (cravo, galego e</p>
---

<sup>10</sup> Reconhecendo-se aqui a diversidade de configurações que as famílias podem ter ao longo do tempo, bem como perfil de assentados que compraram o lote e o usam para passar o final de semana e têm maior disposição em arrendá-lo.

<sup>11</sup> Casos assim têm sido identificados com pessoas que estão há mais de vinte anos no assentamento e seus filhos não deram continuidade à produção agropecuária no lote.

<sup>12</sup> Nos inventários, foi solicitado aos assentados relacionarem todos os grãos e tuberosas, leguminosas e criações animais, frutas, legumes, hortaliças, temperos e plantas medicinais, dos quais se faz uso familiar, sem importar sua escala produtiva. Capins e pastos para as criações animais também foram relacionadas pelos assentados, pois sem eles não haveria proteína animal. Os inventários só puderam ser completos após a aplicação do questionário, que continha essa questão e com uma caminhada pelo lote, na qual os assentados iam se lembrando de plantas não mencionadas anteriormente.

taiti), mamão, abacate, goiaba vermelha, banana (nanica, maçã e “de fritar”), abacaxi, maracujá, maçã, guaraná, cajá-manga, nectarina, tamarindo, uva japonesa, morango, cana-de-açúcar (garapa), abil, ingá, gabirolva, pequi, alface, couve, almeirão, espinafre, pimenta (doce e ardida), cebolinha, cebolinha japonesa, salsinha, cebola, alho, urucum, vagem, quiabo, abóbora, tomate, pimentão, berinjela, chuchu, maxixe, erva-doce, coentro, arruda, alecrim, hortelã, manjeriço, poejo, sabugueiro, babosa. Capins e pastos para as criações de gado.

**Fonte:** Duval, 2009.

A escolha em destacarmos alimentos energéticos, proteicos e fontes de vitaminas e sais minerais se deu na tentativa de delimitar um nível de segurança alimentar das famílias assentadas a partir do autoconsumo. Segundo Khatounian (2001), há uma tendência generalizada nos diferentes lugares do mundo de se produzir, prioritariamente, alimentos energéticos e proteicos. A base da dieta corresponde a uma combinação de alimentos energéticos e proteicos, o que seria um mínimo de reposição calórica frente ao despendido no próprio trabalho agrícola, o que pode ser considerado como um padrão de segurança alimentar primário. “Consideradas as necessidades nutritivas, essa sequência é lógica e nutricionalmente correta. O mesmo se observa na composição dos sistemas de produção para consumo doméstico ao largo do planeta” (KHATOUNIAN, 2001, p.253). Essa é uma tendência das dietas evoluídas em vários lugares, porém com produtos diferentes. Vale lembrar, que esse tipo de inventário prevalece dentre aqueles assentados com perfil de agricultura familiar.

Por fim, a observação direta e o registro fotográfico, junto com os inventários, podem dar conta da quinta escala de diversificação, conforme Whitaker e Fiamengue (2000), expressa nas variedades genéticas de cada sistema do lote. O feijão, por exemplo, é pouco cultivado comercialmente no assentamento como um todo, mas nos lotes de todos nossos entrevistados apresenta-se cultivado com alta variedade genética. Cada um dos assentados entrevistados declarou ter, pelo menos, duas variedades de feijão cultivadas, mas alguns chegam a ter até sete tipos diferentes, como no caso de um assentado de origem mineira. Ele possui feijão catador, de vara, guandú, fava, preto, orelha de padre e “bourbon”. Esta última, conforme explicou, uma variedade “lá da terra dele”, da qual ele gosta muito e sempre fez uso alimentar porque carregou consigo suas sementes por onde andou. Porém, isso não tira a necessidade deles terem que comprar feijão no mercado ou no vizinho em alguma época do ano. Foi muito comum encontrar grande variedade genética também entre criações (galinha e porco), tubérculos, frutas e verduras, tais como: goiaba, manga, banana, laranja, limão, mamão, alface, repolho,

cebola, pimenta e outros temperos, em todas havendo mais de uma variedade cultivada e de maneira tradicional, ou seja, tudo misturado e aproveitando-se os recursos locais para sua consecução.

## **Conclusões**

Ainda que a produção de autoconsumo não entre no cálculo de produtividade do assentado rural, bem como de técnicos e pesquisadores, representa importante estratégia para a reprodução social e econômica das famílias assentadas. Destacamos primeiramente a possibilidade de utilização de variedades de alimentos do gosto das famílias (por exemplo, certas variedades de feijão, raças de aves ou suínos), que, no assentamento, encontram um lugar no qual terá sua reprodução garantida (ou ao menos possibilitada), pois é lugar de ocupação permanente das famílias que as cultivam. Isto se relaciona aos gostos e preferências culturais das famílias e, ao nosso ver, a satisfação cultural é tão importante quanto a satisfação nutricional, devendo ser incorporada na discussão da segurança alimentar, principalmente para a reprodução social de um grupo que vem de um passado recente de trabalhador volante e passa a assentado rural.

Segundo Queda et al. (2009), a diversificação agrícola e a formação de mosaicos trazem muitos benefícios em termos ecológicos nos assentamentos rurais. Invariavelmente, a lógica de produção do autoconsumo na agricultura familiar leva em conta a produção de uma cesta alimentar diversificada. Como percebido nos desenhos e nos inventários apresentados, essa produção é responsável pela maior diversificação de um lote agrícola e isso também é um fator estratégico para as famílias, pois se um determinado produto está com preço baixo, o agricultor conta com outros que podem lhe render algum dinheiro. Por outro lado, nos cardápios fica explícita a importância da produção de autoconsumo na alimentação cotidiana das famílias.

Além da diversificação, podemos afirmar que a produção de autoconsumo é propulsora de práticas de agricultura de base ecológica, uma vez que a produção do próprio alimento não prevê aplicação sistemática de insumos externos, como é o caso das produções mais comerciais. Outras práticas agrícolas como consorciamentos, rotação de culturas, receitas caseiras contra pragas e doenças, quebra-vento, compostagem, integração animal-vegetal e adubação orgânica foram identificadas neste tipo de produção. Procuramos demonstrar, ainda, que as produções comercial e empresarial convivem, no mesmo lote, com a produção do autoconsumo, não sem conflitos e consequências potencialmente devastadoras.

Com a metodologia empregada foi possível adentrar cinco escalas de diversificação. Com isso, alguns aspectos comumente “invisíveis” do autoconsumo vieram à tona. É certo incluir o autoconsumo como parte da renda monetária das pequenas propriedades familiares, porém pode-se cair num cálculo que deixa de fora dimensões de análises imprescindíveis, como o valor simbólico e cultural do alimento e da comida. O próprio cálculo econômico, além da renda monetária, deve incluir as redes de sociabilidade comunitária e as práticas agrícolas na dimensão econômica do autoconsumo, bem como a clivagem de gênero, no sentido de reconhecer e qualificar o papel das mulheres (FERRANTE, DUVAL, 2012). Portanto, a metodologia apresentada de análise dos sistemas produtivos e o seu papel na economia familiar deveria servir de sugestão para a atuação da assistência técnica.

A abordagem que se pretendeu neste trabalho não é contra a valoração monetária do autoconsumo; pelo contrário, acredita-se que ela interfere na dimensão econômica da propriedade, pois representa capacidade de poupança da família agricultora com alimentos, insumos agrícolas e medicamentos. Representa também resistência e autonomia da família, porque a produção de alimentos tem várias destinações, ao contrário das canas, frangos, leites e eucaliptos com agroindústrias. Neste sentido, o próprio assentamento é um local de resistência, no qual obrigatoriamente deve haver produção diversificada de alimentos e o autoconsumo colabora para isso. Por isso a opção de se adotar aqui outras dimensões de análise, que valorizam o autoconsumo na tessitura do modo de vida, através da pesquisa do cotidiano das famílias assentadas rurais. Ainda mais, são indícios claros de que há perspectivas de um outro modelo de desenvolvimento rural, mais próximo das necessidades e trajetórias das famílias assentadas, que caminha com os programas de compras governamentais.

Percebeu-se que as famílias agricultoras, ao habitarem num determinado território, acabam por construir um local para viver bem, não valorizado prioritariamente (ou pelo menos unicamente) pela dimensão econômica. As árvores que fornecem sombra e controlam a temperatura ao redor das casas, barram o vento, atraem passarinhos, rendem frutos e efetivamente aumentam a diversidade agrícola, ajudam a compor um lugar pleno de significações onde se tem maior qualidade de vida, no qual o autoconsumo tem, de fato e por direito, um papel relevante.

## **Referências**

ANTUNIASSI, M.H.R.; AUBRÉE, M.; CHONCHOL, M.E.F. De sitiante a assentado: trajetórias e estratégias de famílias rurais. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.7, n.3, Fundação Seade, 1993.

BARONE, L.A. **Revolta, Conquista e Solidariedade**: a economia moral dos trabalhadores rurais em três tempos. 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Araraquara, 1996.

BRANDÃO, C.R. **Plantar, Colher, Comer**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

CÂNDIDO, A. **Os Parceiros do Rio Bonito**. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meio de vida. 5ª Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

COSTA, M.B.B. da. **Da Microbacia ao Agricultor Familiar**: uma releitura do agroecossistema. Projeto de Pesquisa, CNPq, 2006.

DUVAL, H.C. **Da Terra ao Prato**: um estudo das práticas de autoconsumo em um assentamento rural. 2009. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural). Universidade Federal de São Carlos, Araras, 2009.

DUVAL, H.C.; FERRANTE, V.L.S.B. Metodologia em Ação: a importância de se apreender invisibilidades nos assentamentos rurais. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, v.14, n.01, Nupedor/Uniara, p.31-68, 2011.

FERRANTE, V.L.S.B. et al. Assentamentos rurais: um olhar sobre o difícil caminho de constituição de um novo modo de vida. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, n.1, Nupedor/Unesp, p.75-148, 1994.

FERRANTE, V.L.S.B.; BERGAMASCO, S.M.P.P. **Censo dos Assentamentos do Estado de São Paulo**. Araraquara: Unesp, 1995. 488 p.

FERRANTE, V.L.S.B.; BARONE, L.A. Parcerias com a cana-de-açúcar: tensões e contradições no desenvolvimento das experiências de assentamentos rurais em São Paulo. **Sociologias** (Versão Impressa), v.13, UFRGS, p.262-305, 2011.

FERRANTE, V.L.S.B.; BARONE, L.A.; DUVAL, H.C. O final de um ciclo? Reflexões sobre assentamentos rurais no estado de São Paulo. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão – REDD** (revista eletrônica), Araraquara, v.5 n.1, Unesp, FCL-Ar, 2012.

FERRANTE, V.L.S.B.; DUVAL, H.C.; GÊMERO, C.G. Sistemas produtivos e políticas públicas nos assentamentos em duas regiões do estado de São Paulo: similitudes e diferenças. 50º Congresso da SOBER, 22 a 25 de julho de 2012, Vitória/ES. In: **Anais...**, 2012.

FERRANTE, V.L.S.B.; DUVAL, H. C. Mulheres assentadas na região central do estado de São Paulo: apresentando dados de pesquisas. 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, 2012, João Pessoa. In: **Anais...**, 2012.

GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. A produção da autonomia: os “papéis” do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.89-122, 2007.

GARCIA Jr., A.R. **Terra de Trabalho**. Trabalho familiar de pequenos produtores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GRISA, C. **A Produção “Pro Gasto”**: um estudo comparativo do autoconsumo no Rio Grande do Sul. 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

KHATOUNIAN, C.A. **A Reconstrução Ecológica da Agricultura**. Botucatu: Livraria e Editora Agroecológica, 2001.

LEITE, S.P. **As Condições de Implantação e o Processo de Trabalho num Projeto de Assentamento de Trabalhadores Rurais**: o caso de Araraquara-SP. 1986. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas). Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Araraquara, 1986.

LEITE, S.P. **Autoconsumo e sustentabilidade na agricultura familiar**: uma aproximação à experiência brasileira. Seminario de Políticas de Seguridad Alimentaria y Nutrición em América Latina, 2003, Unicamp, Campinas-SP. Disponível em: <<http://www.fodepal.es/bibvirtual/semex/campina/doc/Sergio%20Leite.pdf>>. Acesso em: 30/05/2008.

LORENZO, H.C.; FONSECA, S.A.; BONOTTO, R.; TRALDI, D.C.; GRIGOLETTO, F. **Relatório de Pesquisa**. Relatório final de pesquisa sobre diagnósticos regionais e setores econômicos. Contrato/CRT/SP/N. 100000/2010 – INCRA/UNIARA, 2011.

ROY, G. **Do Trabalhador Assalariado ao Pequeno Produtor Livre**: qual construção para as experiências de reforma agrária? São Paulo, julho de 1991. (mimeo)

QUEDA, O.; KAGEYAMA, P.; SANTOS, J.D. dos. Assentamentos rurais: alternativas frente ao agronegócio. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, n.12, Nupedor/Uniara, p.47-68, 2009.

QUEIROZ, M.I.P. de. **O Camponato Brasileiro**. Ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

WHITAKER, D.C.A.; FIAMENGUE, E.C. (Orgs.) **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, n.2, Nupedor/Unesp, 1995.

WHITAKER, D.C.A.; FIAMENGUE, E.C. Assentamentos de reforma agrária: uma possibilidade de diversidade agrícola. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, n.8, Nupedor/Unesp, p.19-32, 2000.

WOORTMANN, E.F.; WOORTMANN, K. **O Trabalho da Terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Ed. da UNB, 1997.